

“UM LIVRO QUE SE DESTACA DE TODOS OS OUTROS; DO QUAL
ME LEMBRAREI POR MUITO TEMPO E AO QUAL RETORNAREI.”

GEORGE R. R. MARTIN

ESTAÇÃO ONZE

EMILY ST. JOHN MANDEL



ESTAÇÃO ONZE

EMILY ST. JOHN MANDEL

{ **ESTAÇÃO ONZE** }

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © 2014 by Emily St. John Mandel
Os direitos morais do autor foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
Station Eleven

PREPARAÇÃO
Tâmara Sender

REVISÃO
Milena Vargas
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

ARTE DE CAPA
Abby Weintraub

FOTOGRAFIA DE CAPA
Michael Turek/Gallery Stock

FOTOGRAFIA DE QUARTA CAPA
Photovogue/Gallery Stock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M239e

Mandel, Emily St. John
Estação Onze / Emily St. John Mandel ; tradução Rubens
Figueiredo. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

320 p. ; 23 cm.
Tradução de: Station Eleven
ISBN 978-85-8057-707-5

1. Ficção canadense. I. Figueiredo, Rubens. II. Título.

15-19536

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Em memória de Emilie Jacobson

O lado claro do planeta se move rumo à escuridão
E as cidades vão adormecendo, cada uma em sua hora...

– Czeslaw Milosz
Os cadernos dispersos

{ I. O TEATRO }

O REI ESTAVA DE PÉ numa poça de luz azul, à deriva. Era o quarto ato de *Rei Lear*, uma noite de inverno no Elgin Theatre, em Toronto. Mais cedo, no palco, três meninas brincavam de bater ritmadamente as palmas das mãos umas das outras enquanto o público ia entrando, versões infantis das três filhas de Lear, e agora elas retornavam como alucinações na cena da loucura. O rei cambaleava e estendia a mão para alcançá-las enquanto elas esvoaçavam para lá e para cá entre as sombras. O nome dele era Arthur Leander. Tinha cinquenta e um anos e havia flores em seu cabelo.

— Tu me conheces? — perguntou o ator que fazia o papel de Gloucester.

— Recordo bem teus olhos — disse Arthur, distraído pela versão infantil de Cordélia, e foi então que aconteceu.

Houve uma alteração em sua fisionomia; ele tropeçou, estendeu a mão para uma coluna, mas calculou mal a distância e bateu nela com força com o lado da mão.

— Da cintura para baixo, elas são Centauros — disse ele, e não só era a fala errada como a voz saiu num arquejo, quase inaudível.

Aninhou a mão no peito como um pássaro ferido. O ator que encarnava Edgar o observava com atenção. Naquele momento, ainda era possível que Arthur estivesse representando, mas na primeira fileira depois do fosso da orquestra um homem se ergueu da cadeira. Tinha recebido treinamento em primeiros socorros. Sua namorada puxou-o pela manga e cochichou:

— Jeevan! O que você está fazendo?

E o próprio Jeevan, a princípio, ficou em dúvida; as fileiras atrás dele reclamaram em voz baixa, pediram que se sentasse. Um lanterninha veio na sua direção. A neve começava a cair no palco.

— O pintassilgo também faz isso — sussurrou Arthur, e Jeevan, que conhecia muito bem a peça, se deu conta de que o ator havia saltado doze falas. — O pintassilgo...

— Senhor — disse o lanterninha —, por favor...

Mas Arthur Leander estava cambaleante. Oscilou, os olhos desfocados, e para Jeevan era óbvio que ele não era mais Lear. Jeevan empurrou o lanterninha para o lado e correu em direção à escadinha de acesso ao palco, mas um segundo funcionário do teatro vinha apressado pelo corredor entre as cadeiras da plateia, o que obrigou Jeevan a pular direto para o palco. A altura era maior do que havia imaginado e ele teve de chutar o lanterninha, que tinha segurado a manga de seu paletó. A neve era de plástico,

Jeevan notou com a visão periférica, pedacinhos de plástico transparente que grudavam no paletó e roçavam na pele. Edgar e Gloucester se distraíram com a comoção, nenhum dos dois olhava para Arthur, que se encostara, com o olhar perdido, a uma coluna feita de madeira compensada. Soaram gritos nos bastidores, duas sombras se aproximavam ligeiras, mas Jeevan já havia alcançado Arthur e segurou o ator na hora em que ele perdeu a consciência, baixando-o ao chão com delicadeza. A neve caía depressa à sua volta, cintilante na luz azul e branca. Arthur não estava respirando. As duas sombras — dois seguranças — tinham parado a poucos passos, supostamente entendendo, naquele momento, que Jeevan não era um fã desvairado. A plateia tornou-se um clamor de vozes, flashes das câmeras de celular, exclamações incompreensíveis na escuridão.

— Meu Deus — disse Edgar. — Minha Nossa.

Havia abandonado o sotaque britânico que usara até então e agora soava como alguém do Alabama, de onde ele era de fato. Gloucester tinha arrancado as ataduras de gaze que cobriam metade do seu rosto — àquela altura da peça, os olhos de seu personagem tinham sido arrancados — e parecia congelado, imóvel, a boca abrindo e fechando como a de um peixe.

O coração de Arthur não estava batendo. Jeevan começou os procedimentos de reanimação cardiopulmonar. Alguém gritou uma ordem, a cortina baixou, um chiado de pano e de sombra que afastou a plateia da cena e reduziu pela metade a luz no palco. A neve de plástico continuava a cair. Os seguranças tinham recuado. As luzes mudaram, os azuis e os brancos da nevasca deram lugar a um brilho fluorescente que, em comparação, parecia amarelado. Jeevan trabalhava em silêncio sob a luz cor de margarina, olhando às vezes para o rosto de Arthur. Por favor, pensava, por favor. Os olhos do homem estavam fechados. Houve um movimento na cortina, do outro lado alguém apalpando o pano em busca de uma passagem, e então um homem mais velho, de terno cinzento, se pôs de joelhos do outro lado de Arthur.

— Sou cardiologista — disse ele. — Walter Jacobi.

Seus olhos estavam ampliados pelas lentes dos óculos e seu cabelo era ralo no alto da cabeça.

— Jeevan Chaudhary — apresentou-se Jeevan.

Não sabia ao certo havia quanto tempo estava ali. Pessoas se moviam à sua volta, mas todos pareciam distantes e vagos, menos Arthur e, agora, aquele outro homem que se juntara a ele. Era como ficar no olho de um furacão, pensou Jeevan; ele, Walter e Arthur juntos ali, naquela calma. Walter tocou na testa do ator com delicadeza, como um pai que tenta apaziguar o filho febril.

— Chamaram uma ambulância — disse Walter.

A cortina baixada conferia ao palco uma intimidade inesperada. Jeevan pensava na ocasião em que havia entrevistado Arthur em Los Angeles, anos antes, durante sua breve carreira de jornalista da seção de entretenimento. Pensava na namorada, Laura, imaginou se ela ainda estaria à sua espera na primeira fila da plateia ou se teria ido para o saguão. Jeevan pensava: Por favor, volte a respirar, por favor. Pensava na maneira como a cortina baixada se tornara uma quarta parede e transformava o palco numa sala à parte, ainda que com um grande vão cavernoso em vez de um teto, abismos formados por passarelas suspensas e luzes, entre as quais a alma de uma pessoa podia se esgueirar e fugir sem ser vista. Que pensamento mais ridículo, disse Jeevan para si mesmo. Não seja idiota. Mas então sentiu uma pontada na nuca, a sensação de ser observado do alto.

— Quer que eu tome seu lugar? — perguntou Walter.

Jeevan entendeu que o cardiologista se sentia inútil, então fez que sim com a cabeça, ergueu as mãos do peito de Arthur, e Walter deu sequência, no mesmo ritmo.

Não propriamente uma sala, pensou Jeevan no momento, olhando o palco à sua volta. Era transitório demais, todas aquelas saídas e aqueles espaços escuros entre os bastidores, e o teto ausente. Parecia antes um terminal, concluiu, uma estação de trem ou um aeroporto, onde todo mundo passava depressa. A ambulância havia chegado; dois médicos se aproximaram debaixo da neve que, absurdamente, continuava a cair, e em seguida, como corvos, se atiraram sobre o ator caído, um homem e uma mulher de uniforme escuro, obrigando Jeevan a se afastar; a mulher era tão jovem que não podia ser mais do que uma adolescente. Jeevan se levantou e recuou. A coluna junto à qual Arthur tombara era lisa e polida sob a ponta de seus dedos, madeira pintada a fim de parecer pedra.

Havia contrarregras e maquinistas por toda parte, atores, funcionários sem nome com pranchetas na mão.

— Deus do Céu. — Jeevan ouviu um deles dizer. — Será que ninguém pode parar essa porcaria de neve?

Regan e Cordélia estavam de mãos dadas e choravam junto à cortina, Edgar sentara-se no chão, ali perto, de pernas cruzadas, com a mão sobre a boca. Goneril falava em voz baixa no celular. Os cílios postiços lançavam sombras em seus olhos.

Ninguém olhava para Jeevan, e lhe veio à cabeça que seu papel na cena havia terminado. Os médicos pareciam não estar tendo sucesso algum. Ele queria encontrar Laura. Na certa ela estava à sua espera no saguão, abala-

da. Talvez — essa foi uma ideia distante, mas mesmo assim lhe ocorreu — Laura achasse suas ações admiráveis.

Alguém finalmente conseguiu parar a neve, as últimas e escassas transparências de plástico caíam devagar. Jeevan procurava a maneira mais fácil de sair do palco quando ouviu um choro infantil, e lá estava a criança que ele havia notado antes, uma atriz pequenina, ajoelhada no palco, ao lado da outra coluna de compensado, à esquerda de Jeevan. Ele tinha assistido àquela peça quatro vezes, mas nunca antes com crianças, e viu naquilo um toque inovador na montagem. A menina tinha sete ou oito anos. Continuava enxugando os olhos, num movimento que deixava riscos de maquiagem no rosto e nas costas da mão.

— Afaste-se — disse um dos médicos, e o outro recuou enquanto ele aplicava um choque elétrico no corpo.

— Olá — disse Jeevan para a menina.

Ajoelhou-se diante dela. Por que ninguém a havia tirado daquela confusão? Ela olhava fixamente para os médicos. Jeevan não tinha experiência com crianças, embora sempre tivesse desejado um ou dois filhos, e não sabia ao certo como devia falar com elas.

— Afaste-se — disse o médico de novo.

— Você não quer ficar olhando para isso — disse Jeevan.

— Ele vai morrer, não vai? — A menina respirava entre pequenos soluços.

— Não sei. — Jeevan queria falar algo tranquilizador, mas tinha de admitir que a situação não parecia nada boa. Arthur continuava imóvel sobre o palco depois de levar dois choques, e Walter segurava o pulso do homem olhando para o vazio com ar preocupado, à espera de alguma pulsação. — Qual é o seu nome?

— Kirsten — respondeu a menina. — Kirsten Raymonde. — A maquiagem que ela usara para a cena tinha um efeito desconcertante.

— Kirsten — repetiu Jeevan. — Onde está sua mãe?

— Ela só vem me pegar às onze horas.

— Ligue isso — disse um médico.

— Então quem toma conta de você enquanto fica aqui?

— Tanya, a vaqueira. — A menina continuava a olhar fixamente para Arthur.

Jeevan mudou de lugar a fim de bloquear sua visão.

— Nove e quinze da noite — disse Walter Jacobi.

— Vaqueira? — perguntou Jeevan.

— É como a chamam — disse Kirsten. — É ela quem toma conta de mim enquanto fico aqui. — Um homem de terno tinha aparecido do lado

direito do palco e falava afobado com os médicos, que amarravam Arthur a uma maca. Um deles encolheu os ombros e baixou o cobertor para prender uma máscara de oxigênio no rosto de Arthur. Jeevan entendeu que faziam isso pensando no bem da família do ator, pois assim eles não receberiam a notícia de sua morte pelo noticiário da noite. Jeevan ficou comovido com a dignidade daquele ato.

Pôs-se de pé e estendeu a mão para a criança, que fungava.

— Vamos — disse ele. — Vamos achar Tanya. Ela deve estar procurando você.

Era pouco provável. Se Tanya estivesse procurando sua protegida, sem dúvida já a teria encontrado àquela altura. Jeevan levou a menina para a coxia, mas o homem de terno havia sumido. Os bastidores estavam um caos, tudo era barulho e movimento, gritos para abrir caminho enquanto a procissão que levava Arthur passava, com Walter à frente da maca. O cortejo sumiu pelo corredor rumo à saída de fundos do teatro e a comoção aumentou no rastro de sua passagem, todos gritavam ou falavam nos celulares, se amontoavam em rodinhas contando e repetindo a história uns para os outros — “Aí eu olhei e ele estava caindo” —, ou berravam ordens, ou ignoravam as ordens berradas por outros.

— É tanta gente — disse Jeevan. Ele não gostava muito de multidões. — Está vendo a Tanya?

— Não. Não estou vendo em lugar nenhum.

— Bem — disse Jeevan. — Talvez seja melhor a gente ficar parado e deixar que ela nos encontre.

Lembrou que, certa vez, tinha lido essa recomendação num folheto que ensinava o que fazer ao se perder na mata. Havia algumas cadeiras enfileiradas junto à parede dos fundos, e ele se sentou numa delas. Dali, podia ver o compensado sem pintura por trás do palco. Um contrarregra varria a neve.

— O Arthur vai ficar bom? — Kirsten tinha subido na cadeira a seu lado e agarrava o vestido com os punhos cerrados.

— Agora mesmo ele estava fazendo aquilo de que mais gostava no mundo — disse Jeevan, baseando-se numa entrevista que lera um mês antes, em que Arthur havia falado para um repórter do *The Globe and Mail*: “Esperei a vida inteira para estar velho o bastante e poder representar o papel de rei Lear, e não há nada que eu ame mais do que estar no palco, a sensação de premência que experimentamos...”

Mas, em retrospecto, as palavras pareciam ocas. Arthur era antes de tudo um ator de cinema e, em Hollywood, quem deseja ficar velho?

Kirsten continuou calada.

— Minha ideia é a seguinte: se representar foi a última coisa que Arthur fez na vida — explicou Jeevan —, então a última coisa que ele fez na vida foi algo que o deixou feliz.

— Mas foi mesmo a última coisa que ele fez na vida?

— Acho que foi. Sinto muito.

A neve era agora uma pilha cintilante atrás do cenário, uma pequena montanha.

— Também é a coisa de que eu mais gosto no mundo — disse Kirsten depois de algum tempo.

— O quê?

— Representar — respondeu ela, e foi então que uma jovem com o rosto marcado por lágrimas e de braços abertos surgiu do meio da multidão.

A mulher mal olhou para Jeevan quando segurou a mão de Kirsten. A menina olhou para trás uma vez, por cima do ombro, e foi embora.

Jeevan se levantou e caminhou para a saída do palco. Ninguém o deteve. Tinha alguma esperança de ver Laura aguardando-o no lugar onde ele a havia deixado, no centro da primeira fileira — quanto tempo havia passado? —, mas, quando achou uma abertura no meio das cortinas de veludo, o público todo tinha ido embora, funcionários do teatro varriam o chão entre as filas de cadeiras e juntavam programas abandonados, uma echarpe esquecida no encosto de uma poltrona. Jeevan seguiu para o saguão com tapete vermelho extravagante, tomando cuidado para não fazer contato visual com os lanterninhas, e lá uns poucos remanescentes da plateia ainda aguardavam, mas Laura não estava entre eles. Jeevan telefonou, mas ela desligara o celular durante a peça e pelo visto ainda não o havia ligado de novo.

— Laura — disse ele para a caixa de mensagens. — Estou no saguão do teatro. Não sei onde você está.

Foi até a porta do banheiro feminino e falou com a zeladora, mas ela informou que o banheiro estava vazio. Deu uma volta pelo saguão e foi ao balcão do guarda-volumes, onde seu sobretudo era uma das últimas peças penduradas nos cabides. O casaco azul de Laura tinha sumido.

A neve caía na Yonge Street. Isso surpreendeu Jeevan quando ele saiu do teatro, aquele eco dos pedacinhos de plástico transparente do palco, que continuavam grudados em seu paletó. Meia dúzia de paparazzi haviam passado a noite junto à porta de fundos do palco. Arthur não era mais tão famoso quanto tinha sido, mas suas fotos ainda vendiam bem, sobretudo agora que andava às voltas com um divórcio que era praticamente uma

luta de gladiadores contra uma atriz/modelo que o havia traído com um diretor de cinema.

Até bem pouco tempo antes, o próprio Jeevan tinha sido um paparazzo. Esperava passar despercebido entre os ex-colegas, mas aqueles eram homens cujas competências profissionais incluíam a capacidade de notar quando alguém tentava passar despercebido por eles, e no mesmo instante abordaram Jeevan.

— Você está ótimo — disse um dos fotógrafos. — Que bonito casaco você arranjou. — Jeevan vestia sua japona de marinheiro, que não era quente o bastante, mas produzia o efeito desejado de torná-lo menos parecido com seus ex-colegas, que tinham certa tendência a usar paletós folgados e jeans. — Por onde tem andado, cara?

— Cuidando de um bar — respondeu Jeevan. — E estudando para ser paramédico.

— Socorrista? Sério? Está a fim de ganhar a vida catando os bêbados das calçadas?

— Quero fazer alguma coisa que tenha importância, se é o que você está querendo dizer.

— Certo, tudo bem. Você estava lá dentro, não estava? O que aconteceu? Alguns deles falavam em seus celulares.

— É o que estou dizendo, o cara morreu — disse um deles, perto de Jeevan. — Bem, é claro, a neve fica na frente da foto, mas dê uma olhada na outra que acabei de mandar para você, olhe o rosto dele naquela foto em que estão levando a maca para a ambulância...

— Não sei o que aconteceu — respondeu Jeevan. — Baixaram a cortina no meio do quarto ato. — Deu essa informação, em parte, porque não queria conversar com ninguém naquele momento, exceto talvez com Laura, e em parte porque não queria especificamente falar com eles. — Você viu quando Arthur foi colocado na ambulância?

— Passou por aqui na maca sobre rodinhas e saiu pela porta de fundos do teatro — disse um dos fotógrafos, que fumava um cigarro com movimentos rápidos, nervosos. — Médicos, ambulância, todo o aparato.

— E como ele estava?

— Quer que eu fale francamente? Parecia um cadáver.

— Tem botox e mais botox naquela cara — disse outro paparazzo.

— Houve uma declaração oficial? — perguntou Jeevan.

— Um cara de terno veio lá de dentro e falou com a gente. Estafa e, veja só, desidratação. — Alguns riram. — Sempre a mesma história de estafa e desidratação com essa gente, não é?

— Era de imaginar que alguém se desse o trabalho de explicar para eles — disse o homem do botox. — Alguma boa alma bem que podia fazer a caridade de puxar um ou dois desses atores para o canto e falar: Escute aqui, meu chapa, espalhe isso entre seus colegas. Vocês têm que ingerir líquidos e dormir de vez em quando, ok?

— Acho que vi menos do que vocês viram — disse Jeevan e fingiu receber um telefonema importante.

Foi andando pela Yonge Street com o telefone gelado encostado na orelha e se abrigou num portal, meio quarteirão à frente, a fim de ligar para Laura de novo. O telefone dela continuava desligado.

Se chamasse um táxi, Jeevan chegaria em casa em meia hora, mas gostou de estar ao ar livre, longe das pessoas. Agora a neve caía mais depressa. Ele se sentiu extravagante e culpadamente vivo. A injustiça daquilo, o seu coração continuar pulsando sem hesitação enquanto em algum lugar Arthur jazia estirado, frio e imóvel. Caminhou para o norte, subindo a Yonge Street, com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos do casaco e a neve grudando no rosto.

Jeevan morava em Cabbagetown, a nordeste do teatro. Era o tipo de caminhada que teria feito em seus vinte anos, sem hesitar, uns poucos quilômetros de cidade, com bondes elétricos vermelhos passando. Mas já fazia algum tempo que não dava uma caminhada como aquela. Não tinha certeza de que faria mesmo aquilo, mas, quando dobrou à direita na Carlton Street, sentiu certo ímpeto, o que o levou a seguir adiante, deixando para trás o primeiro ponto do bonde.

Chegou ao parque Allan Gardens, mais ou menos a metade do caminho, e foi aí que se viu atingido por uma inesperada onda de alegria. Arthur morreu, disse a si mesmo, você não conseguiu salvá-lo, não há nenhum motivo para ficar feliz. Porém havia; ele estava exultante porque durante toda a vida se perguntara qual profissão seguir e agora tinha certeza, absoluta certeza, de que queria ser paramédico. Em situações em que as pessoas podiam apenas ficar olhando, Jeevan queria ser alguém capaz de tomar a frente.

Sentiu um desejo absurdo de correr para dentro do parque. A tempestade o transformara num território à parte, todo coberto de neve e sombras, silhuetas negras das árvores, o brilho subaquático da cúpula de uma grande estufa de plantas. Quando menino, Jeevan gostava de ficar deitado de costas no quintal e ver a neve caindo em cima dele. Cabbagetown já estava visível alguns quarteirões à frente, as luzes da Parliament Street embaçadas pela neve. O celular vibrou no bolso. Ele parou a fim de ler a

mensagem de texto enviada por Laura: *Senti dor de cabeça e fui para casa. Pode comprar leite?*

É então, todo o ímpeto o abandonou. Jeevan não conseguia mais ir além. Sua intenção ao comprar os ingressos da peça era fazer um gesto romântico, algo como “vamos fazer uma coisa romântica, porque a gente só briga o tempo todo”, mas ela o abandonou no teatro, deixou-o em pleno palco, cumprindo os procedimentos de reanimação cardiopulmonar num ator morto, e foi para casa, e ainda queria que ele comprasse leite. Agora que tinha parado de andar, Jeevan sentiu frio. Os dedos dos pés estavam dormentes. Toda a magia da tempestade o abandonara e a felicidade que sentira um momento antes estava desaparecendo. Era uma noite escura e cheia de movimento, a neve caía ligeira e silenciosa, os carros estacionavam na rua, crescendo em suaves contornos de si mesmos. Jeevan tinha medo do que ia dizer, caso fosse para casa encontrar Laura. Pensou em parar em um bar qualquer, mas não queria conversar com ninguém e, quando pensou melhor, viu que também não tinha vontade nenhuma de se embriagar. Queria apenas ficar sozinho por um tempo, enquanto decidia o que fazer. Então entrou em um parque silencioso.

**BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
FINALISTA DO NATIONAL BOOK AWARD, DO PEN/FAULKNER
AWARD E DO BAILEYS WOMEN'S PRIZE**

DIA UM: A Gripe da Geórgia se espalha pela superfície da Terra como uma bomba de nêutrons. O noticiário informa que o índice de mortalidade é de 99%.

DIA DOIS: A civilização se desintegra.

ANO VINTE: Um grupo de atores e músicos chamado Sinfonia Itinerante vaga pelos assentamentos de sobreviventes apresentando números musicais e peças de Shakespeare. As pessoas vivem em relativa segurança, em um mundo despedaçado que os remanescentes se esforçaram para reconstruir.

Impressionante, único e comovente, *Estação Onze* reflete sobre arte, fama e efemeridade e sobre como os relacionamentos nos ajudam a superar tudo, até mesmo o fim do mundo.

“É difícil imaginar um romance tão perfeitamente adequado, tanto em forma quanto em conteúdo, ao momento literário atual.”

THE NEW YORKER

“Não é um romance sobre crise e sobrevivência. É sobre arte, família, memória, comunidade e sobre a coragem necessária para enxergar o mundo com olhos esperançosos.”

ENTERTAINMENT WEEKLY

“Magnético. Um romance sensacional.”

KIRKUS REVIEWS

